

Como citar esse artigo: MACHADO, Helen C. ; WIEDERKEHR, Natalia Cristina. A importância do estudo do meio na geografia: estudo de caso na E.B.M. Dilma Lúcia dos Santos, turma 71, Florianópolis – Santa Catarina. In: FERRETTI, Orlando; CUSTÓDIO, Gabriela A. (orgs). Artigos da disciplina estágio curricular supervisionado em geografia II: segundo semestre de 2013. Florianópolis: NEPEGeo; UFSC, 2014. Disponível em http://nepegeo.ufsc.br/files/2014/06/Artigo_Helen_Natalia.pdf

A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DO MEIO NA GEOGRAFIA: ESTUDO DE CASO NA E.B.M DILMA LÚCIA DOS SANTOS, TURMA 71, FLORIANÓPOLIS – SANTA CATARINA.

MACHADO, Helen Cristina¹

WIEDERKEHR, Natalia Cristina².

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo

Durante a disciplina de Estágio Surricular Supervisionado de Licenciatura em Geografia³, pôde-se observar e participar dos processos educativos ligados ao ensino desta disciplina, no 7º ano, turma 71 na Escola Básica Municipal (E.B.M.) Dilma Lúcia dos Santos, em Florianópolis. Após as observações relacionadas à ação do docente e mediante a ausência das saídas de estudos nessa turma, este trabalho visa destacar a importância e as dificuldades deste método de aprendizagem *in loco*, partindo do pressuposto que o estudo do meio pode tornar mais significativo o processo de ensino-aprendizagem e proporcionar aos estudantes o desenvolvimento de um olhar crítico e investigativo sobre a aparente naturalidade do viver social.

Palavras chave: Geografia; estudo do meio; Escola Básica Dilma Lúcia dos Santos.

Abstract

During the course curriculum Supervised degree in Geography, it was possible to observe and be a part in the educational processes related to the teaching of this subject in the 7º grade, 71 class, at Municipal Primary School - Dilma Lúcia dos Santos. After the observations related to the act of teaching and the study trips this class, this paper aims to highlight the importance and difficulties of this method of learning *in loco*, assuming that the study of the environment may become more significant to the process of teaching and learning, and also help the students to develop a critical and investigative gaze on apparent naturalness of social life.

Key words: Geography; study of the environment; Primary School - Dilma Lúcia dos Santos.

1 Mestranda no programa de pós-graduação em geografia da Universidade Federal de Santa Catarina.

2 Geógrafa e licenciada em geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina.

3 Disciplina obrigatória do curso de graduação de licenciatura em Geografia, ministrada em 2013 pelo professor Dr. Orlando Ferretti.

1. Introdução

A disciplina Estágio Curricular Supervisionado de Licenciatura em Geografia, na UFSC, possibilita ao acadêmico aprofundar seus conhecimentos e habilidades adquiridos durante o curso de Licenciatura em Geografia. Trata-se de um importante momento de colocar em prática o conhecimento teórico aprendido até então. Esta disciplina visa reconhecer, observar e participar dos processos educativos a fim de desenvolver habilidades didático-pedagógicas necessárias ao desempenho do docente.

A organização do estágio ocorreu em duas etapas. No primeiro momento, foram realizadas as observações do espaço interno e externo da escola, com o intuito de conhecer o ambiente escolar como um todo. O segundo momento foi direcionado à prática de lecionar em sala de aula. Durante os seis meses de vivência no espaço escolar, alguns aspectos contribuíram significativamente na reflexão das práticas pedagógicas. Entre estes aspectos, destaca-se a importância de saídas a campo para o processo de ensino e aprendizagem para os estudantes e também para o professor.

Diante a experiência de observação, na turma 71, este trabalho visa abordar a importância do estudo do meio através das saídas a campo e relatar as principais dificuldades na execução desta atividade. Partindo do pressuposto que quando o estudo do meio é utilizado como uma ferramenta pedagógica, permite ao estudante deixar de ser um mero receptor de informações e que este possa atuar, construindo seu conhecimento.

Logo, o estudo do meio possibilita ao estudante participar ativamente de sua aprendizagem e ser um agente transformador deste meio. Os trabalhos de campo surgem então como uma ferramenta importante no ensino das ciências sociais e naturais⁴, algo aparentemente impossível de suprir com atividades em sala de aula e em laboratórios.

4 A Geografia é uma ciência da natureza e também política, histórica e cultural. Explica conflitos territoriais ao mesmo tempo que analisa impactos ambientais e contribui para a ocupação ordenada de áreas em desenvolvimento (UFMG, 2005).

No Brasil, os estudos do meio⁵ iniciaram nas chamadas escolas livres, criadas pelo movimento anarquista. Durante o movimento da Escola Nova e Escola Tecnicista essa prática passou por transformações e adequações aos objetivos educacionais. Contudo permaneceram como práticas pedagógicas, embora ocorra com pouca frequência (PONTUSCHKA, 1994).

Para Lopes e Pontuschka (2009), a realização dos estudos do meio, em todos os níveis de ensino, em particular na educação básica, pode tornar mais significativo o processo ensino-aprendizagem e proporcionar aos estudantes o desenvolvimento de um olhar crítico.

Pontuschka (2000) enfatiza que a Geografia não pode ser ensinada de forma compartimentada. Ao invés disto, a autora sugere que o professor construa e adapte o currículo em sala de aula junto à turma, conforme a realidade dos estudantes. Este “real professor”, como trata Pontuschka, pode facilitar a compreensão do espaço geográfico a partir da escala trabalhada, seja o bairro, o município, relacionando posteriormente esta localidade com o contexto mundial. Portanto, o professor de Geografia deve ajudar o estudante a compreender a totalidade do espaço no qual ele vive.

A autora Cavalcanti (2001, p.20): aponta que “atualmente, a Geografia busca levar em consideração o saber e a realidade do estudante como referências para o estudo do espaço geográfico.” Ou seja, para a formação do estudante é importante o reconhecimento do “espaço vivido”, para que a educação “vivenciada” não sirva como repetição do conhecimento, mas uma construção científica do mesmo.

Para que ocorra essa efetiva construção na formação do estudante, Pontuschka *et al.* (2009) apontam a pesquisa como um elemento essencial na formação dos professores. Já que, esta atua como um processo aglutinador de reflexão e crítica. A inserção da pesquisa ao currículo do docente servirá também na transformação da

5 “O Estudo do Meio pode ser compreendido como um método de ensino interdisciplinar que visa proporcionar para alunos e professores o contato direto com determinada realidade, um meio qualquer, rural ou urbano, que se decida estudar” (LOPES; PONTUSCHKA, 2009, p.1).

concepção da função do professor visto como um mero transmissor de informações, podendo contribuir nas suas práticas pedagógicas.

2. **Fundamentação teórica**

A construção do conhecimento geográfico na rede escolar é comumente centrada no discurso do professor em aulas expositivas, tendo como um dos principais recursos o auxílio dos livros didáticos. Observa-se a necessidade de pensar novas formas de revalorizar o espaço de vivência e contribuir na educação do estudante cidadão.

Estes espaços de vivência, demarcados pelos muros da escola, representam uma distinção entre duas realidades: o mundo da rua e um mundo interno da escola, tentando distanciar algo que insiste em se aproximar. Pode-se observar esta distinção, por exemplo, a partir do seu espaço arquitetônico que expressa uma determinada concepção educativa. A estética observada na unidade escolar e dos ambientes externos é retratada com cores claras. Dayrell (1999) diz que a ausência de cores, de vida, estímulos visuais, ou seja, a pobreza estética dos ambientes escolares deixa os estudantes confinados à sala de aula e à instrução.

A escola tenta se fechar em seu próprio mundo, com suas regras, ritmos e tempos (DAYRELL, 1999). Nessa perspectiva, entende-se que é preciso romper as paredes da sala de aula, da escola, conseqüentemente o isolamento com o exterior.

Considerando a arquitetura um cenário onde se desenvolvem o conjunto das relações pedagógicas, onde se pode ampliar ou limitar suas possibilidades, deve-se levar em consideração a importância de sair da hierarquia da sala de aula, onde os estudantes reproduzem os mesmos comportamentos.

Neste contexto, Lopes e Pontuschka (2009, p.176) discutem o estudo do meio como uma importante prática pedagógica:

[...] que faz parte, de uma “tradição escolar” inspirada em educadores tais como Francisco Ferrer y Guardia (1859-1909) e Célestin Freinet (1896-1966), que tem por objetivo proporcionar aos estudantes uma aprendizagem “mais perto da vida”, ou seja, um contato mais direto com a realidade estudada, seja ela, natural ou social [...].

Dentre os recursos para auxiliar no ensino da geografia, as aulas em campo surgem como um instrumento eficiente para o estabelecimento de uma nova perspectiva

na relação estudante e aprendizagem, pois este passa a “ver” a geografia ao invés de “ler” a geografia, permitindo assim, uma maior compreensão do espaço geográfico (CORDEIRO; OLIVEIRA, 2011).

De acordo com Corrêa (1996), o campo é um importante meio no qual o geógrafo aprende a ver, analisar e refletir sobre o infindável movimento de transformação que o homem realiza no espaço, é no campo que o estudante/pesquisador poderá perceber todo o dinamismo do espaço. O trabalho de campo objetiva então trazer um olhar crítico sobre a realidade e a teoria compreendendo-a dialeticamente.

Pontuschka *et al.* (2009, p.98) enfatiza que: “Ensinar a pesquisar requer criar situações e condições didáticas que estimulem a curiosidade e a criatividade”. Proporcionado desta forma não apenas o ensino de geografia, mas uma educação geográfica (CASTELLAR; VILHENA, 2010).

É fundamental que os estudantes reconheçam os conceitos, a construção, a ação humana sobre o mundo e que explorem a curiosidade epistemológica a partir de uma aprendizagem contínua.

O trabalho de campo é uma prática profissional e científica, que contextualiza a disciplina estudada, bem como mostra a ligação com outras disciplinas⁶

Para que ocorra efetivamente a relação ensino e aprendizagem é importante que o professor planeje as aulas, os trabalhos de campo, preocupando-se com a unicidade, objetividade e pretensão de mostrar a realidade dentro da vida do estudante.

Deve-se tomar cuidado para que esta ida a campo não sirva apenas como um procedimento, de observação sem discussão, mas sim como um método de ensino que possa abordar o que está sendo estudado, ultrapassando o limite da paisagem para entender a história.

Scortegagna e Negrão (2005, p. 193) afirmam que:

Os trabalhos de campo são fundamentais para o aluno observar e interpretar a região onde vive e trabalha, produzindo seu próprio

6 A interdisciplinaridade, segundo Saviani (SAVIANI, 2003) é indispensável para a implantação de um processo inteligente de construção do currículo de sala de aula – informal, realístico e integrado. Através da interdisciplinaridade o conhecimento passa de algo setorizado para um conhecimento integrado onde as disciplinas científicas interagem entre si.

conhecimento, adquirindo competência para tornar-se um agente transformador do meio.

O campo é um lugar de discussão de ideias que agora são abstraídas pelos estudantes e devem representar passos que transformem o seu jeito de pensar, refletir e agir como cidadãos. O estudante precisa compreender também que as teorias assumem um papel muito importante na prática, e, que sem elas seria difícil compreender a realidade.

3. Estudo de Caso: uma Proposta Pedagógica

3.1 Caracterização da área de estudo

Para o processo ensino-aprendizagem, o trabalho de campo mostra-se como uma ferramenta pedagógica fundamental, que tem como principal intuito possibilitar aos estudantes observar e vivenciar na prática situações que muitas vezes são estudadas apenas em sala de aula. Desta maneira, as atividades práticas desenvolvidas no campo possibilitam reforçar e obter um melhor aproveitamento dos conteúdos estudados (AMORIM; FRATTOLILLO, 2009).

O estágio curricular supervisionado ocorreu na Escola Básica Municipal Professora Dilma Lúcia dos Santos pertencente à rede municipal de ensino de Florianópolis. Está localizada a 25 km do centro da cidade, no bairro Armação, Distrito do Pântano do Sul, na porção sudeste da Ilha de Santa Catarina, entre as coordenadas de 27°44' e 27°46' de latitude Sul e entre os meridianos de 48°25' e 48°35' de longitude a Oeste de Greenwich. O bairro é delimitado ao Norte pelo Morro das Pedras, ao Sul pela Ponta da Armação, a Oeste está a Lagoa do Peri e a Leste o Oceano Atlântico (Figura, 1).

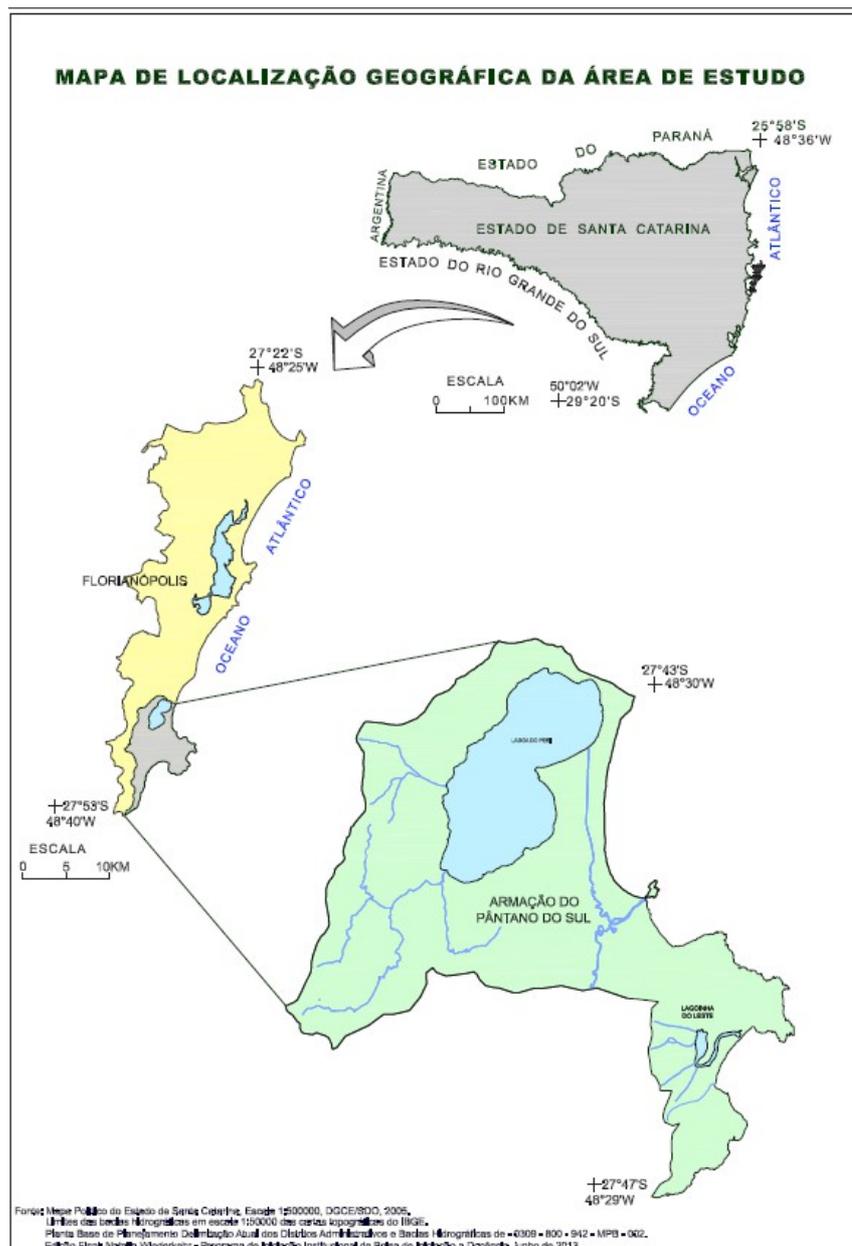


Figura 1: Mapa de localização do bairro Armação do Pântano do Sul.

Fonte: WIEDERKEHR (2012)

O bairro da Armação do Pântano do Sul, assim como o sul da Ilha de Santa Catarina em geral, faz parte do que Corrêa denomina de “periferia urbana”, considerada como: “[...] aquela área da cidade que em termos de localização situa-se nos arredores do espaço urbano” (CORREA, 1989, p.70). A população residente no bairro é de 2.837 habitantes (IBGE, 2010), sendo o espaço geográfico da Armação caracterizado pela transição da área urbana e rural do Distrito do Pântano do Sul.

Porém, nos últimos anos observa-se forte ação dos agentes produtores do espaço urbano nestas áreas, principalmente os imobiliários, que fazem a mercantilização de

alguns espaços inseridos na periferia, como por exemplo, condomínios fechados, propiciando uma segregação espacial.

Esta área de estudo apresenta vegetação predominantemente secundária de Mata Atlântica, bastante alterada pela ação antrópica, como os pastos da planície do Pântano do Sul e a zona agrícola abandonada às margens dos rios Sangradouro e Armação (SILVEIRA, 1999). É composta por paisagens⁷ modificadas pela ação humana e por importantes áreas de preservação, com diferentes ecossistemas como planícies alagadas, pântanos, manguezais, nascentes que alimentam rios e áreas de pastagens.

A E.B.M Dilma Lúcia dos Santos está inserida entre duas unidades de conservação, os Parques municipais Lagoa do Peri e Lagoinha do Leste. O parque da Lagoa do Peri foi criado através da Lei nº 1.828/81, sendo atualmente uma das mais importantes unidades de conservação de proteção integral do município de Florianópolis.

É considerada como um habitat de variadas espécies de peixes e crustáceos. Pelo fato de manter uma mínima abertura que liga ao mar, de maneira que muitas espécies atinjam a lagoa e proliferem de forma abundante. A manutenção da lagoa é assegurada pelas águas de escoamento superficial provenientes das precipitações pluviais e pela recepção de fluxos fluviais de sua bacia hidrográfica. A Lagoa do Peri é um ambiente muito vulnerável às mudanças ecológicas pela reduzida extensão da sua bacia natural e pela acentuada interação dos elementos que dão suporte ao seu equilíbrio (PENTEADO, 2002).

O parque é de preservação permanente e pleno dos recursos naturais. Constitui – se, em parte, de áreas de floresta primária. Existe na área do Parque uma área de lazer que corresponde à área da restinga e da própria lagoa onde se concilia a preservação dos recursos naturais com a utilização para objetos científicos e educacionais.

7 O conceito de paisagem é amplamente trabalhado na Geografia, de acordo com Santos (2006): paisagem é a expressão da concretização dos lugares, das diferentes dimensões constituintes do espaço geográfico. Não se pode limitar a paisagem apenas ao lugar, é necessário permitir a caracterização de espaços regionais e territórios considerando a horizontalidade dos fenômenos.

O parque municipal Lagoinha do Leste foi criado em 1992 por intermédio da lei municipal nº 3.701/92 e decreto municipal nº 8.701, com objetivo de salvaguardar a paisagem natural, a fauna e a flora e proteger o manancial hídrico da bacia hidrográfica do local. Apresenta em seu ecossistema dunas, restinga, laguna, Mata Atlântica e costões rochosos (IPUF, 2006). Está localizado na praia de mesmo nome e possui uma das poucas praias da Ilha de Florianópolis desprovida de ocupação humana.

Conforme se pode observar na figura a seguir, ambos os parques municipais formam um importante corredor ecológico no qual a escola em estudo está inserida. (Figura 2)



Figura 2: Localização das unidades de conservação e da E.B.M Dilma Lúcia dos Santos.
Fonte: Imagem Google Earth, 2013.

1.1 Relatos sobre as observações em sala de aula

O estágio foi realizado no período matutino de 09 de abril a 22 de outubro de 2013, no 7º ano, turma 71. Com intuito de melhor conhecer os estudantes, foi elaborado um questionário de caráter objetivo, com as seguintes perguntas: idade, naturalidade, bairro em que mora e a quanto tempo estuda na escola Dilma Lúcia dos Santos. A turma é composta por 29 estudantes, e de acordo com os resultados obtidos pode verificar que a maioria (79%) encontra-se na faixa etária entre 12 e 13 anos.

Quanto ao conteúdo trabalho, os eixos temáticos durante o período de observação foram: regionalização do espaço brasileiro; a formação histórico-geográfica

do Brasil e as regiões brasileiras, sendo este o conteúdo planejado e lecionado no terceiro bimestre, durante o estágio.

Os recursos adotados pelo professor efetivo da disciplina de Geografia foram o quadro negro; mapas temáticos; livros paradidáticos; livros didáticos; documentários e filmes; apresentações em power point e maquetes. Sendo estes, os mesmos materiais utilizados durante o estágio.

A turma demonstrava sociabilidade às atividades propostas, e apesar da faixa etária da pré-adolescência, apresentou bom comportamento. Observou-se que a ida ao auditório instigava-os a participar mais das aulas, o fato de sair da sala causava agitação. Supostamente pela necessidade de se utilizar outros ambientes que propiciam o ensino e aprendizagem, tais como, sala de informática, auditório, saídas de campos, entre outros. Ou seja, sair da hierarquia de sala de aula, das aulas monótonas e cansativas, que tendem ao desinteresse dos estudantes que estão condicionados a reproduzirem os mesmos comportamentos, fazendo referência a escola tradicional.

Levando em consideração o contexto ambiental em que a escola está inserida, as observações realizadas durante o estágio e de acordo com os dados obtidos na entrevista supracitada, o fato que 87% dos estudantes residem no bairro Armação (Figura 3). Observa-se que e o ambiente propicia as saídas de estudo, entretanto, estas não ocorreram.

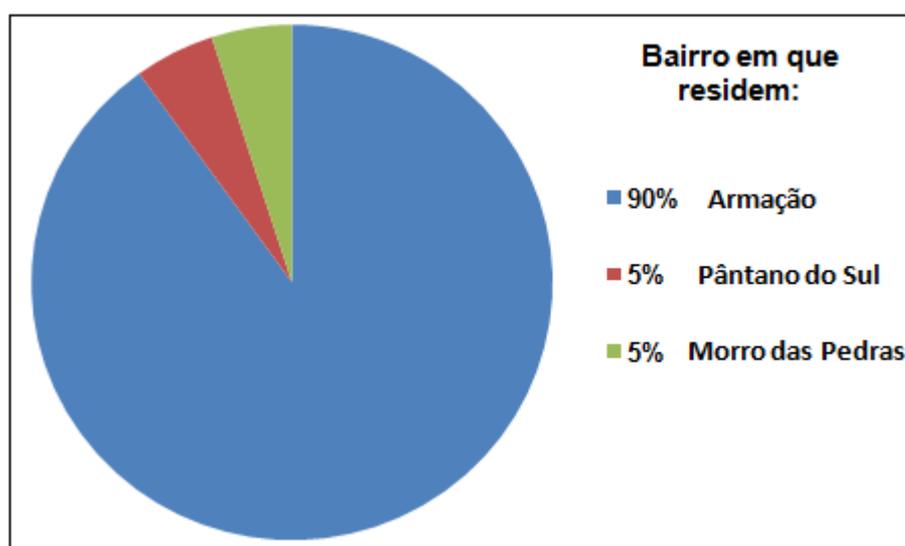


Figura 3: Indicação do local em que os alunos residem.

Fonte: Dados da pesquisa de estágio, 2013.

1.2 Dificuldades na realização das saídas de estudos de campo

O trabalho de campo constitui um planejamento, que é seguido de acordo com os critérios educacionais da unidade escolar. Cabe ao professor, juntamente com a turma, definir as etapas do desenvolvimento do trabalho, ou seja, o pré campo, o campo em si e o pós. Estabelecendo desde o início objetivos claros e acessíveis para que a turma tenha pleno conhecimento da atividade a ser executada, proporcionando aos estudantes um contato mais próximos da realidade a ser estudada. Durante o período observado no estágio a falta de saídas de estudo instigou a busca pela complexidade que envolve uma atividade de campo.

Em entrevista com o professor efetivo da disciplina de Geografia, o mesmo afirmou que:

Sobre as dificuldades das saídas de estudo creio que tenha ocorrido por vários fatores: a falta de projetos integrados a outras disciplinas, a dificuldade de se conseguir transporte junto à prefeitura, falta de sintonia com parte da equipe pedagógica que por sua vez era um desestímulo. Enfim, não sei qual desses fatores foi mais decisivo.

Outra dificuldade apontada pelo professor foi o tempo de duração das aulas. O fato de serem apenas três aulas de 45 minutos fragmentadas durante a semana torna muito difícil a explicação do conteúdo e a organização de uma saída de estudo. A ausência de professores substitutos para suprir as aulas nas demais salas na escola em que o professor atua, junto ao fato de que ele leciona em outra escola, também dificultou a realização de atividades de campo. O professor também reivindicou a falta de apoio da equipe pedagógica, além dos entraves burocráticos, conforme supracitados, como por exemplo, a liberação do transporte coletivo junto à prefeitura.

Para a realização das atividades em campo, outras dificuldades não mencionadas pelo professor, mas que influenciam na sua efetivação é: a falta de autorização dos pais e despesas durante a saída, como alimentação e hospedagem.

Viveiro e Diniz (2009) elencam um conjunto de dificuldades na execução desta prática. Tratando no primeiro momento do mau comportamento dos estudantes. A novidade representada pela atividade causa euforia nos estudantes. O elevado número de estudantes por sala e o fato de que na maioria das vezes, apenas um professor

acompanhar a turma, inibe o professor de sair da sala. Soma-se ainda a responsabilidade que o professor tem ao sair da escola que pesa desfavoravelmente.

Em um segundo momento, os autores tratam das dificuldades na execução das atividades em campo, ou seja, da forma em que é realizada. Tem-se o exemplo das visitas monitoradas oferecidas por uma instituição.

De Frutos *et al.*,(1996, p.15) *apud*. Viveiro e Diniz (2009), afirmam que:

[...] frequentemente, o conteúdo abordado durante uma visita desse tipo não é totalmente adequado aos objetivos de cada série e de cada professor. Portanto, sugere que o educador aproveite as informações trabalhadas pelos guias ou monitores e proponha tarefas a serem realizadas durante a atividade de campo, de modo a adequar ao máximo a visita às suas necessidades.

Viveiro e Diniz (2009) sugerem que uma caminhada nos arredores da escola, como uma ótima atividade para desencadear um programa de educação ambiental, onde os estudantes podem observar a realidade do local. Além de ser uma atividade simples, que não exige muito tempo, despesas e deslocamento.

É inquestionável que as atividades em campo são importantes à educação escolar, contudo, vale ressaltar que a forma como estas são desenvolvidas podem limitar a exploração das potencialidades que as caracterizam. Por exemplo, quando o estudante se vê parte do processo semelhante ao que se estabelece no interior das salas de aula, havendo apenas uma transferência de local.

Outro agravante, segundo Lopes e Allain (2002 p.52):

[...] é quando os educandos se deparam com grande quantidade de fenômenos que ainda não compreendem tal fato, pode confundi-los na construção do conhecimento; lidar com essa complexidade requer o prévio estabelecimento de objetivos claros, além de um educador bem preparado. Sobretudo, os alunos devem saber que a saída não é apenas lazer, mas outra forma de aprender e conhecer lugares, novos ou não.

Lacoste (1985) concorda com Lopes e Allain, quando considera que as expedições têm importante papel de formação dos estudantes de Geografia, mas insuficiente, pois não passa de iniciação à pesquisa. O autor critica as excursões de ônibus, nas quais os professores, nas diferentes paradas previstas no percurso, fazem um discurso diante dos estudantes passivos.

2. Considerações Finais

De acordo com o que se pode observar na disciplina de Estágio supervisionado em Geografia, algumas das dificuldades na realização das saídas de campo apontadas pelo professor de Geografia coincidem com as dificuldades que diversos autores apontam ao longo deste artigo. Estas dificuldades expostas foram sentidas também durante o período de estágio, principalmente o fator tempo. Aliado ainda, a falta de experiência em sala de aula que impossibilitou a realização de uma saída de estudos com a turma trabalhada.

Este conjunto de fatores confirma que as saídas de estudo são um obstáculo geral e não apenas uma dificuldade específica deste estudo de caso. Contudo conforme supracitado por Pontuschka (1994), as idas ao campo permanecem como práticas pedagógicas, embora ocorram com pouca frequência.

Os trabalhos de campo são imprescindíveis, pois permitem ao estudante despertar para um posicionamento perante o saber teórico e para a realidade vigente, desmistificando a ciência e construindo um saber mais próximo do seu cotidiano. Destacando o campo como cenário de geração, problematização e análise do conhecimento, onde o conflito entre o real e a teoria ocorre com toda a intensidade.

Ressaltam-se ainda as potencialidades das atividades de campo, como uma oportunidade do estudante aprender, retendo melhor as informações, a partir do momento em que o corpo interage de maneira ativa na exploração dos lugares, diferente das experiências em que o estudante é passivo. A atividade de campo permite também estreitar as relações entre o professor e a turma, favorecendo um companheirismo resultante da experiência em comum e da convivência entre os sujeitos envolvidos que perdura no ambiente escolar.

Conforme já exposto, a escola está contida numa em uma área de preservação ambiental que apresenta diferentes elementos que constituem a paisagem, tais como: restinga, dunas, manguezais, lagoas, praias, rios, que possibilitam o estudo e a exploração destes ambientes em diferentes disciplinas. Logo, em uma simples caminhada ao redor da escola, pode-se observar algumas características específicas que esta região ainda preserva. A exemplo das relações de vizinhança, que remetem ao rural; costumes tais como a pesca; as festas folclóricas; bem como as transformações

relacionadas a antropização deste espaço que também podem ser abordadas a exemplo da grande ressaca do ano de 2010 que provocou a erosão sobre o pós-praia, e processos erosivos no cordão praial da praia da Armação sendo responsável por uma reconfiguração espacial, principalmente na área costeira.

Diante da complexidade na realização de uma saída de estudo, aponta-se a multidisciplinaridade⁸ como uma alternativa facilitadora para a realização destas saídas. É importante salientar que o ensino em conjunto das disciplinas no campo ambiental deve focar o estudo das relações entre processos naturais e sociais, dependendo da capacidade das Ciências para articular-se, oferecendo uma visão integradora da realidade.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA FILHO, N. Transdisciplinaridade e saúde coletiva. **Ciência & Saúde Coletiva**. II (1-2), 1997.

AMORIM, L.; FRATTOLILI, A. B. R. Trabalho de campo e prática de educação ambiental e geográfica. In: Encontro de Geógrafos de America Latina, 12., 2009, Montevideo. **Anales del 12 do Encuentro de Geógrafos de America Latina:**

8 Na multidisciplinaridade, um elemento pode ser estudado por disciplinas diferentes ao mesmo tempo, contudo, não ocorrerá uma sobreposição dos seus saberes no estudo do elemento analisado. Segundo Almeida Filho (ALMEIDA FILHO, 1997) a idéia mais correta para esta visão seria a da justaposição das disciplinas cada uma cooperando dentro do seu saber para o estudo do elemento em questão. Nesta, cada professor cooperará com o estudo dentro da sua própria ótica; um estudo sob diversos ângulos, mas sem existir um rompimento entre as fronteiras das disciplinas.

Caminando en una America Latina en transformación. Montevideo, 2009. Disponível: <www.egal2009.easyplanners.info/.../3196_Nunes_Amorim_Leonardo.pdf>.

CASTELLAR, S. VILHENA, J. **Ensino de geografia**: um breve referencial teórico e a educação geográfica. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

CAVALCANTI, S. L. de. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 3 ed. Campinas: Papirus, 2001.

CORDEIRO, Joel Maciel Pereira; Oliveira, Aldo Gonçalves de. A aula de campo em geografia e suas contribuições para o processo de ensino-aprendizagem na escola. **Geografia**, Londrina, v. 20, n.2, p. 99-114, maio/ago. 2011.

CORRÊA, Roberto L. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

DAYRELL, Juarez Tarcisio. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, Juarez (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=420540>. Acesso em: 10 de março de 2014.

IPIUF. Disponível em: <www.ipuf.sc.gov.br>. Acesso em: 13 de março de 2014.

LACOSTE, Yves. **A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos**. Seleção de Textos, 11. São Paulo: AGB, 1985.

LOPES, G. C. L. R.; ALLAIN, L. R. Lançando um olhar crítico sobre as saídas de campo em biologia através do relato de uma experiência. In: **Anais do Encontro Perspectivas do Ensino de Biologia**, 8, 2002, São Paulo.

LOPES, Claudivan S.; PONTUSCHKA, Nídia N. Estudo do meio: teoria e prática. **Geografia** (Londrina) v. 18, n. 2, 2009.

PENTEADO, Adriana Nunes. **Subsídios para o plano de manejo do parque municipal da Lagoa do Peri – Ilha de Santa Catarina, Florianópolis – SC**. Florianópolis: UFSC, 2002. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental, Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. A formação docente e o ensino superior. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009, p. 89 a 104.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Geografia, representações sociais e escola pública. **Terra Livre**, São Paulo, nº15, p. 145-154, 2000.

_____. **A formação pedagógica do professor de Geografia e as práticas interdisciplinares.** São Paulo: USP, 1994. 280 p. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em em Educação, Universidade de São Paulo, 1994.

SANTOS, Milton A. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 4ª ed. São Paulo: Edusp, 2006.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.** 8. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

SCORTEGAGNA, A.; NEGRÃO, O. Trabalhos de campo na disciplina de Geologia Introdutória: a saída autônoma e seu papel didático. **Terra e didática**, v.1, 2005.

SCOTERGAGNA, A. **Trabalhos de campo nas disciplinas de geologia introdutória: cursos de Geografia no Estado do Paraná.** Campinas, SP: UNICAMP, 2001. 122p. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Geociências, Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, 1994.

SILVEIRA, M C da. **Aspectos físicos e ambientais do Parque Municipal da Lagoinha do Leste, Ilha de Santa Catarina, SC – Brasil.** Florianópolis: UFSC, 1999. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Curso de Geografia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.

UFMG Diversa. Disponível em:<https://www.ufmg.br/diversa/7/geografia.htm>. Acesso em: 18 de março de 2014.

VIVEIRO, Alessandra Aparecida; DINIZ, Renato Eugênio da Silva. **As atividades de campo no ensino de ciências: reflexões a partir das perspectivas de um grupo de professores.** Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.